

A portrait of an elderly man with glasses, wearing a striped shirt, looking slightly to the left. The background is a plain, light-colored wall.

ROOSEVELT CASSORLA

“A vida sem significado nos faz sentir como não existentes. A psicanálise atual valoriza o estudo dos afetos.”

Roosevelt Moisés Smeke Cassorla

As dificuldades em conviver com a existência do outro



O médico psiquiatra e psicanalista Roosevelt Moisés Smeke Cassorla, professor colaborador do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, é uma sumidade na área da psicanálise. Seu currículo, trabalhos e atuações são conhecidos dentro e fora do Brasil, assim como suas ideias.

Antes do início das atividades do Grupo Balint ou do acompanhamento da equipe do Grupo de Apoio aos Estudantes de Graduação em Medicina, Fonoaudiologia e Médicos Residentes (Grapeme) da FCM, Cassorla concedeu entrevista ao Boletim da FCM. Entre os temas predominantes, a solidão, o medo, a insatisfação, a corrupção e os transtornos da vida humana. “Não somos treinados a prestar atenção em nossos sentimentos e lidar com as limitações humanas”, afirma Cassorla.

Boletim da FCM – Quais são as formas mais comuns de sofrimento humano?

Roosevelt Moisés Smeke Cassorla – A ansiedade e a depressão são as formas mais comuns de manifestação do sofrimento humano. A ansiedade doentia é definida como o "medo sem objeto". A depressão patológica indica uma tristeza imensa, para além da tristeza compreensível que decorre de uma perda ou uma decepção.

Boletim da FCM – Como a psiquiatria classifica esses sintomas?

Cassorla – A psiquiatria classifica esses sintomas, quando se cronificam ou dificultam o viver a vida, como “transtornos”. Demandam tratamentos medicamentosos ou de outra ordem. Os sintomas devem ser avaliados em sua complexidade, investigando-se fatores que influenciam seu aparecimento e as formas como se manifestam. Essa investigação é rara em nossa cultura. Por outro lado, sofrimentos de ordem emocional podem ser vistos como “fraquezas”.

Boletim da FCM: Você poderia citar alguns exemplos dessas “fraquezas”?

Cassorla – Tenho percebido maior procura por

tratamento de pessoas que, juntamente com sintomas emocionais e somáticos, se queixam de vazio, tédio, desinteresse, solidão. Essa solidão não tem relação com a realidade objetiva. Por vezes encontramos o oposto: a busca desesperada por preencher o vazio com gratificações. O preenchimento pode ser efetuado com álcool, drogas, trabalho, sexo, religiões dogmáticas, ideologias fanáticas. A insatisfação com a vida é, aparentemente, preenchida pelos supostos sucessos externos.

Boletim da FCM – Poderíamos dizer que a origem disso está na sociedade atual?

Cassorla – Seria reducionista supor que a sociedade atual é a origem dessa insatisfação. Aspectos sociais apenas reforçam fatores pessoais. O estudo psicanalítico revela que, cada vez mais, os indivíduos têm tido dificuldades em conviver com a alteridade, isto é, com a existência do outro.

Boletim da FCM – Isto quer dizer que somos solitários e narcisistas ao mesmo tempo?

Cassorla – Todos nós somos solitários e todos nós necessitamos do outro para sentirmo-nos existentes. Em determinadas áreas do funcionamento mental predomina o que



chamamos narcisismo, isto é, a fantasia inconsciente que nada necessitamos e que somos autossuficientes. Faz parte dessa fantasia o controle do outro. O outro será alguém cuja única função é gratificar-nos. Em outras palavras, o outro é desumanizado. A desumanização implica em uso e abuso.

Boletim da FCM – E quando isso gera frustração?

Cassorla – O narcisista não suporta a frustração de que o outro não é nosso prolongamento, que tem vida própria e que vai nos defrontar com nossas limitações e incertezas. Essa dificuldade com a alteridade, somada ao despeito e à inveja, faz com que o outro tenha que ser eliminado. Abre-se, então, o campo para todo tipo de preconceito: de cor, sexo, religião, costumes, etc. A radicalização entre “nós” e “eles” resulta em guerras subterrâneas ou, na pior das hipóteses, terrorismos e guerras manifestas.

Boletim da FCM – Vivemos um momento em que a mentira se liga à corrupção. Existe uma explicação psicanalítica para isso?

Cassorla – As mentiras podem ser inocentes, narcísicas ou perversas. Isto sempre existiu. A Igreja convenceu os católicos a lutarem nas Cruzadas para combater os infiéis. Hitler conseguiu convencer o povo mais culto da Europa a acreditar em suas mentiras. Trump foi eleito graças a mentiras. A corrupção pode ser vista como a necessidade narcísica de ser superior, "levar vantagem", aproveitando-se do outro, que é desumanizado – considerado "otário". Os corruptos nunca estão satisfeitos com o que conseguem e se tornam adictos. Por sentirem-se vaidosamente poderosos, imaginam que corromperão a justiça e a impunidade continuará. Não é fácil lidar com essas personalidades, porque não buscam tratamentos e eles, com frequência, não são suficientemente potentes.

Boletim da FCM – Qual é o maior medo do homem?

Cassorla – O bom senso nos diria que o maior medo do ser humano é a morte. Penso, no entanto, que é a morte em vida. É a vida sem significado, que nos faz sentir como não existentes, redundando em tédio e vazio. Nossa sociedade nos preenche com falsas gratificações. Por isso, estamos sempre com medo, um medo existencial.

Boletim da FCM – Como a psicanálise pode ajudar o ser humano a encontrar respostas para esses medos?

Cassorla – A psicanálise, assim como outras áreas do conhecimento, pode ajudar os seres humanos e entrarem com contato com aquilo que não conhecem e, a partir desse conhecimento, transformarem suas vidas. Não é um processo simples, rápido e fácil. Equivale a uma pós-graduação em nós mesmos, sem que conheçamos o tema de nossa investigação nem onde iremos parar.

Boletim da FCM – Quais as ferramentas adotadas pela psicanálise para conseguir isso?

Cassorla – A psicanálise atual valoriza o estudo dos afetos, uma área antes privativa dos artistas. Dar significado aos afetos – tanto aqueles que resultam em amor para fertilizar mentes, criar ciência, arte e sociedades éticas – como aqueles que resultam em ódio e geram competição invejosa, vaidades arrogantes e disputas destrutivas. Todos os seres humanos contêm afetos amorosos e afetos destrutivos. Cientes que a destrutividade estará sempre presente, tentamos fazer com que os afetos amorosos predominem. Enquanto formos nada mais que frágeis *Homo sapiens*, essa luta nunca terá fim. Na verdade, somos bem menos *sapiens* do que gostaríamos... 🏠